

LIZ FLANAGAN

ILUSTRAÇÕES DE Joe Todd-Stanton

# OS GUARDIÕES SELVAGENS

A CIDADE DOS SEGREDOS



*Para Ada, Nancy e Ruby, com muito amor*



## CAPÍTULO UM



ROWAN SONHAVA COM O SEU PAI, NOITE após noite. Umás vezes, os sonhos ajudavam. Outras vezes, faziam com que sentisse ainda mais saudades dele. Desta vez, ela estava a sonhar com o riso do pai, com a sua voz grave e ressoante, enquanto trabalhavam juntos nos estábulos do palácio.

— Sempre tiveste um dom para os cavalos — dizia o pai no sonho. — E agora sabemos porquê: tu és uma guardiã selvagem.

A Rowan acordou sobressaltada, apercebendo-se de que não estava em casa, em Holderby, mas sim na





casa do avô, perto da Floresta Negra. Com uma nova onda de desilusão, percebeu que o seu pai ainda estava a quilómetros de distância. Desejava poder dizer-lhe que era uma guardiã selvagem: alguém que conseguia falar com os animais e curá-los. Mas o pai ficara para trás, na cidade de Holderby, quando a guerra deflagrara.

A Rowan estava deitada em segurança na sua cama acolhedora, com uma risca pálida de luar a entrar pelas cortinas. O Arto, o lobo branco, estava enroscado aos seus pés. Agora, erguia a cabeça e rosnava.

Então, a Rowan ouviu-a de novo: a voz do pai, a ressoar através do soalho. Não era um sonho. Era realidade!

— Pai! — gritou ela, descendo as escadas a voar, com o Arto no seu encaço. — És tu, pai?

Ela irrompeu pela porta da cozinha.

O pai estava ajoelhado no chão e segurava uma grande trouxa nos braços.

— Não sabia para que outro sítio levá-lo — dizia ele à mãe e ao avô.

A Rowan guinchou e atirou-se para as costas do pai, trepando para os seus ombros largos.



— Pai! Vieste!

Ele estava vivo. Estava seguro. Estava aqui com eles. Finalmente!

O avô da Rowan apressou-se a tirar a trouxa ao pai, antes que este a deixasse cair.

A seguir, o pai levantou-se, ainda com a Rowan às costas, virou-se e apertou-a num abraço enorme.

— Minha querida Rowan — disse ele, segurando-a com os seus braços fortes e calorosos.

Ela tinha tantas perguntas, que não sabia por onde começar — então e a guerra? Porque é que ele estava





aqui? Iam todos para casa agora? Por instantes, ela manteve-se agarrada a ele, como um urso a trepar uma árvore.

Por cima do ombro do pai, a Rowan conseguia ver a mãe a rir-se. Com lágrimas nos olhos, ela observava-os a abraçarem-se. Estava finalmente tudo como devia ser. A família da Rowan estava novamente junta.

A Rowan escorregou para o chão. Queria pegar na mão da mãe, para poderem estar todos juntos, como era costume.

Mas, quando se mexeu, viu melhor a trouxa que o pai tinha trazido.

A velha saca caiu, revelando uma criatura viva no seu interior.

Havia um animal de pelo castanho muito escuro lá dentro, com:

quatro patas compridas e esguias;

um dorso forte;

uma pequena cauda peluda;

um lindo pescoço arqueado;

uma crina branca felpuda.

O poldro tinha uns enormes olhos castanhos e fitava-a com um misto de curiosidade e nervosismo.



A Rowan fitou-o de volta, sentindo o seu coração a transbordar de amor.

— Olá — cumprimentou ela, esticando uma mão com cuidado e deixando que o cavalo bebé cheirasse os seus dedos com a sua respiração quente e doce. O seu nariz era suave como veludo e tinha pelos que pareciam bigodes e faziam cócegas. Ela riu-se.

Mas o que eram aquelas coisas engraçadas que ele tinha nas costas, como cortinas dobradas? Elas contorciam-se, abriam-se, estendiam-se... batiam!

A Rowan ficou boquiaberta.

Este cavalo tinha asas.

— Um pégaso! — disse a Rowan, inspirando. — Pai, porque é que trouxeste um pégaso?







## CAPÍTULO DOIS



UM POUCO MAIS TARDE, ESTAVAM TODOS sentados à volta da mesa, na cozinha do avô, na sua acolhedora casa construída entre duas árvores enormes. Ainda estava escuro lá fora: a Rowan nem sequer conseguia ver o pátio dos estábulos, nem a floresta por trás. A mãe deu-lhe uma caneca de chocolate quente cremoso, por ser uma ocasião especial, enquanto os adultos bebiam café. O pai tinha dado à cria de pégaso o último leite de égua que trouxera com eles. Agora, o pégaso castanho-escuro dormia em frente da lareira, guardado pelo Arto.





A Rowan não largava a mão do pai. Sentou-se ao lado dele, com a mãe do outro lado e o avô em frente. Todos ouviram atentamente o pai, enquanto ele lhes contava o que acontecera desde que tinham deixado Holderby, no dia em que a guerra começara.

— Viste os combates, pai? Os estrianos entraram na nossa cidade? — perguntou a Rowan, lambendo a colher.

O pai da Rowan suspirou. Parecia mais velho do que antes.

— Sim, vi os combates — disse ele. — Mas travaram-se mais a oeste. O exército manteve os estrianos longe de Holderby. O meu trabalho era providenciar os cavalos e cuidar deles. Por isso, fui mesmo para o local da batalha.

Ele olhou para baixo, para a Rowan, e ela adivinhou que ele estava a tentar decidir quanto devia contar-lhes.

— Tivemos muitas baixas — disse ele, por fim, e a Rowan concentrou-se em mexer a sua bebida, tentando não pensar no que isso significava de facto. — Mas os estrianos tiveram mais. Quase ganhámos.



— Isso é bom, certo? — disse a mãe a seguir, esticando o braço à volta dos ombros do pai e apertando-o para perto dela.

— É bom — disse o pai lentamente. — Os combates devem terminar em breve. Ouvi dizer que os estrianos estão a ficar fartos desta guerra. Estão cansados do seu líder, o Kaine Stonelaw, que os arrastou para esta situação porque quer mais terra e poder. — O pai soava cansado.

— Mas o que tem isso que ver com o pégaso? — perguntou a Rowan, espreitando por cima do ombro do avô, para ver se o poldro continuava a dormir.

O Arto levantou a cabeça e devolveu um olhar firme à Rowan, como que para dizer: *Não te preocupes, eu tomo conta dele!*

*Obrigada, Arto*, pensou a Rowan, dirigindo-se ao lobo branco e piscando os olhos lentamente, para lhe mostrar o seu afeto.

— Os estrianos têm caçado animais mágicos para os usarem na guerra — explicou o pai. — Umhas vezes, roubam-nos pelas suas capacidades, como acontece com os pégasos voadores. E outras vezes, levam-nos porque acham que os seus chifres ou pele têm magia,





como acontece com os dragões ou com as *selkies*, as focas capazes de se transformarem em humanos.

— Oh, nós sabemos! — A Rowan não se conteve.

Ela contou-lhe a história de como ela e os seus amigos, a Cam e o Will, que viviam na quinta ao lado, tinham descoberto uma bebé dragão órfã, a quem tinham chamado Folha.

— Criámos a Folha depois de a mãe dela ter sido roubada por aqueles horríveis caçadores furtivos estrianos. — Ela contou-lhe como também tinham salvado toda uma ninhada de dragões vermelhos. — E trabalhámos todos juntos, com os dragões e as bruxas, para apanharmos os caçadores furtivos.

A seguir, ela olhou para o resto do seu chocolate quente e acrescentou com tristeza:

— Dissemos aos caçadores furtivos para nunca mais voltarem. Mas eles devem ter-se esquecido, porque as bruxas viram sinais do seu regresso.

— Pois, como o seu povo se está a virar contra ele, o Stonelaw fará de tudo para ganhar — disse o pai. — Ele deve tê-los enviado.

O avô franziu as sobrancelhas brancas e fartas, unindo-as numa só.



— Então, este pequeno poldro foi apanhado em combate? É um pouco pequeno para isso.

— Pois é — disse o pai. — Os estrianos estavam a tentar reproduzir pégasos para os usarem na guerra.

A Rowan sentiu um arrepio ao imaginar soldados estrianos a sobrevoarem-nos em cavalos alados.

— Depois de uma das batalhas, encontrámos uma manada capturada. — A voz do pai ficou mais grave e irritada. — Aqueles estrianos não estavam a cuidar bem dos animais. Os pégasos nunca deviam ser enjaulados.

A Rowan sabia que o pai odiava que as pessoas não tratassem adequadamente dos animais. Ele dizia que era *imperdoável*.

— Ele é apenas um bebé — disse ela. — O que aconteceu à mãe dele? — Os seus olhos encheram-se de lágrimas, enquanto fitava o poldro adormecido.

— Não sabemos. Fomos alvo de uma emboscada de um grupo de estrianos enquanto libertávamos os pégasos. — O pai fitou o lume, parecendo perdido nas suas memórias. — Os cavalos alados ajudaram-nos a afugentá-los. — Ele contou-lhes a história dessa noite.





A Rowan escutou-o, segurando a sua caneca com tanta força que pensou que esta se partiria. Imaginou o pai a fugir da emboscada com o poldro recém-nascido nos braços, desviando-se de flechas na escuridão. A sua boca ganhou um gosto amargo.





## CAPÍTULO TRÊS



— AII! PARECE SER TÃO PERIGOSO — A ROWAN piscou os olhos. — Fico muito feliz que tenham conseguido fugir. Espero que a mãe do poldro também tenha escapado!

— Foi tudo muito confuso na escuridão. Tenho a certeza de que a maioria dos pégasos voou para um lugar seguro. — O pai espreitou para a cria de pégaso adormecida. — Mas este pequenote era demasiado jovem para voar e eu não conseguia ver a mãe dele. Então, levei-o comigo e fugimos de volta para a cidade.

— Espero que a mãe dele também tenha fugido — sussurrou a Rowan. — Mas como vamos encontrá-la?





— Temos de a procurar. Não restam muitos pé-gasos no mundo — disse o pai. — Por esse motivo, este poldro é valioso. — Aquilo parecia um aviso. — As pessoas vão persegui-lo.

— Estou a ver — disse a mãe. — Foi por isso que o trouxeste para cá?

— Eu cuido dele! — ofereceu-se a Rowan. — Nós podemos escondê-lo, não podemos, avô? — Ela sabia que o avô ajudava todos os animais. A Rowan e o avô eram guardiões selvagens, com um dom especial para curar e falar com animais de todos os tipos, comuns ou mágicos.

Mas o avô hesitou.

Durante um instante, ninguém disse nada. Os únicos ruídos eram o fogo a arder na salamandra, o relógio a marcar as horas na parede e as respirações ofegantes do Arto, que dormia junto ao poldro, com uma orelha levantada.

— Os estrianos vão procurar esta criatura por toda a parte — disse o avô, por fim. — Aquilo que nos pedes é perigoso. Não apenas para nós, mas para os nossos amigos e vizinhos, para toda a aldeia de Appledore.



— Eu sei — respondeu o pai. — Mas eu não podia mantê-lo em Holderby, há sempre muitas pessoas a chegar e a partir. Acho que ninguém o viu, mas não posso ter a certeza. Na noite em que deixei os estábulos reais, havia algo a mover-se nas sombras. Mas, quando fui investigar, não estava lá ninguém... — O pai parecia preocupado só de se lembrar.

— Por favor, avô! Nós temos espaço para esconder um pequeno pégaso, não temos? — implorou a Rowan. — Na quinta, a Âmbar, o pónei do Will, teve uma cria a semana passada. Ela também podia alimentar o pégaso. É o momento perfeito. Por favor!

Ela observou o olhar do avô passar do seu rosto para o do pai e o da mãe, e depois para o pégaso.

— Está bem — disse ele, por fim. — Vamos escondê-lo. Vamos criá-lo. Por agora. Mas terás de regressar depressa com um plano para devolver este pequenote à sua mãe.

— *Regressar?* — disse a Rowan, quase sem fôlego. — O que quer o avô dizer com *regressar*? Não nos podes deixar de novo, pai.





— Lamento muito, Rowan — disse o pai gentilmente. — Eu prometi à rainha que voltaria logo após ter deixado este pégaso em segurança.

Ela agarrou-se ao braço do pai, como se estivesse a afogar-se. A Rowan sentia-se dividida entre duas emoções distintas. Por um lado, estava contente por o poldro poder ficar junto dela, mas, por outro, a ideia de perder novamente o pai era insuportável.

Como se conseguisse ouvi-la, o pequeno poldro acordou com um sobressalto e pôs-se de pé, a cambalear sobre as suas patas castanho-escuras absurdamente compridas. Foi ter diretamente com a Rowan, oscilando, e deu-lhe um toque suave.

O poldro guinchou, cumprimentando-a. Ela não conseguia ouvir os pensamentos dele em palavras exatas, mas conseguia sentir aquilo que ele queria dizer. Neste momento, o poldro perguntava algo como: *Seguro aqui?*

Ela pôs um braço à volta do pescoço da cria e coçou a sua crina, inclinando-se para baixo, para limpar as suas lágrimas de modo que ninguém as visse.

— Sim, estamos seguros aqui. Prometo manter-te a salvo — sussurrou ela, enviando pensamentos de aceitação, boas-vindas e amor ao poldro.

Quando a Rowan chegara pela primeira vez a casa do avô, não ficara ela também chocada e com saudades de casa e do pai? Por isso, conseguia entender como aquele pequeno poldro se sentia.

— Vamos manter-nos juntos, tu e eu — disse ela suavemente ao pégaso.



UMA AVENTURA MÁGICA CHEIA DE  
SEGREDOS, ESPERANÇA E REVIRAVOLTAS  
QUE TEM MUITO PARA NOS CONTAR  
SOBRE A CORAGEM DE TOMAR DECISÕES  
E SEGUIR EM FRENTE.

Na Floresta Negra, a Rowan começa  
a explorar os seus dons de guardiã selvagem:  
comunicar com animais e curá-los.

É então que se depara com uma nova missão:  
salvar uma cria de pégaso, vendo-se perante  
desafios que nunca teria imaginado.  
O perigo ameaça a sua família e a sua  
própria vida. E tudo se agrava quando  
é traída por um dos seus.

Em quem poderá confiar, afinal?  
Com a família dividida e a sua cidade ainda em  
guerra, a Rowan terá de tomar decisões difíceis,  
enquanto tenta perceber onde pertence.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt

  penguinkidspt

ISBN 9789895832217



9 789895 832217 >